

Fotocracia (Artigo para a revista Effetto Arte)

Verão.

O tempo em que abandonamos a nossa morada por um lugar outro, qualquer.

Também o artista viaja, no meio dos outros fugitivos, e observa o êxodo pós-atômico.

Pelas belas vielas itálicas é tudo um cenário de homens e mulheres que se fotografam uns aos outros pondo-se em pose à força de gritos; as imagens assim produzidas partem dos telemóveis para alcançar os aparelhos de outras pessoas, presumivelmente ocupadas, por sua vez, a imortalizar parentes diante de paisagens exóticas.

Se se pudesse traçar este tráfego de recordações visuais, descobrir-se-ia que estamos acidentalmente presentes nas fotos de férias de muitas outras pessoas e que as nossas imagens são usadas para descrever as férias imaginárias de empregados de call centers.

Dos Alpes às pirâmides o rapto instantâneo contagia toda a gente: temos de produzir a prova provada de termos estado realmente neste lugar hoje; todos têm de saber que estamos a gozar a vida, hoje.

Entupimos as nossas memórias digitais, enchemos os nossos discos rígidos de imagens da nossa felicidade mundana!

Embora seja certo que tudo já foi fotografado pelo menos uma vez, estamos certos de que não foi fotografado por nós, e isso basta-nos.

Documentamos para a posteridade, para a história, a futura memória digital.

Nascem espaços virtuais de partilha nos quais podemos contar a nossa vida de férias por imagens, as nossas proezas, as nossas conquistas, o nosso olhar sobre o mundo em pausa; vendemos a nossa imagem imaginária de nós próprios.

Procuramos mostrá-la a quantos mais pudermos, partilhamos, promovemos as imagens das nossas férias como se fossem produtos, enfeitamos os desconhecidos a fim de os tornar nossos seguidores: quem me ama que me siga.

A minha felicidade, a minha diversão, o meu gozo, vendo-os ao preço de um instante do teu tempo, aquele de que precisas para dizer que gostas, que aprecias, que gostarias de me conhecer.

O que resta deste imenso tráfego de informação visual de péssimo gosto?

Nada.

Somos nós próprios a apagar a maior parte das fotografias que nos tinham parecido fantásticas: numa vê-se que engordámos, noutra a sobrinha fez os cornos, e nesta um artista cretino passou à frente do sol que se põe.

Apenas uma parte mínima acabará nas nossas redes sociais, onde permanecerá pelos séculos dos séculos, indelével, Ámen.

Mais do que os quinze minutos de popularidade, é uma vida inteira passada a descrever

como gostaríamos de ser, como gostaríamos de viver, como quereríamos que os outros nos vissem.

Noutros tempos podia-se empestear a existência de amigos e parentes com a projecção de vinte carregadores de diapositivos; os mais arrojados tinham produzido nas férias um vídeo em formato VHS, com comentário sonoro lido pelo guia turístico; hoje a fotografia e o vídeo documental são grátis, como a democracia.

Todos podem fotografar, filmar, votar, formar partidos políticos, e fazem-no realmente, sem vergonha, independentemente da sua cultura ou competência.

O artista observador, analisando a fundo a situação, dá-se conta de que só existem quatro soluções para gozar um panorama ou visitar um monumento neste período:

A) Procurar a foto do panorama ou do monumento na internet.

B) Levantarmo-nos às cinco da manhã — e alguém o faz, mas não os artistas, que são demasiado preguiçosos.

C) Ir ao café ler um bom livro de ficção científica.

D) Ir viver para a Coreia do Norte.

Enquanto meditamos sobre o que fazer, uma rapariga tira uma foto a uma amiga que se está a fotografar sozinha; os sinos tocam a rebate; hoje morreu outra arte, e os fotógrafos juntam-se aos pintores no éden dos inúteis maravilhosos teimosos de outrora.

Chegará uma jovem virgem a repensar de raiz a própria ideia de fotografia?

Uma providencial chuva solar destruirá o mundo digital devolvendo a dignidade ao artista fotógrafo?

Podemos simplesmente sossegar-nos com a certeza de que a memória digital na qual guardamos as nossas imagens não chegará íntegra aos arqueólogos do ano 4000, impedindo os historiadores de marcar a nossa época como a mais patética de todas.

Na escola somos obrigados a engolir leituras dilacerantes e visões aberrantes de épocas sepultadas, e isso apenas por causa da imortalidade do papel e do papiro; a nossa época, pelo contrário, produz quantidades desproporcionadas de informação inútil que se autodestrói num

inconsciente acto de ecologia profunda.

Luca Motolese · Siracusa 2017

motolese.com — Texto original em italiano